

Uma prática de análise linguística: acarretamentos semânticos em gêneros discursivos do cotidiano

A linguistic analysis practice: semantic entailments in everyday discursive genres

Alana Thais Bonfim dos Santos*
Nicolly Nételly Mohr**
Letícia Lemos Gritti***

RESUMO: Este trabalho aborda os nexos semânticos, acarretamentos, dispostos em gêneros discursivos do cotidiano, como em *outdoor* e placa. A pesquisa busca integrar esses gêneros ao ensino, conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), propondo uma análise linguística mais gramatical e contextualizada em sala de aula. Durante a investigação, observou-se uma limitação quanto à disponibilidade de exemplos *online*, reforçando a importância de discutir esse tema no ambiente escolar e acadêmico. O objetivo é compartilhar com alunos e professores dois exemplos de análise linguística contextualizada, promovendo uma reflexão mais ampla sobre a língua. A pesquisa fundamenta-se principalmente nos estudos de Cançado (2008), Pires de Oliveira (2001, 2012), Bakhtin (1997) e na BNCC (Brasil, 2018). Os resultados identificaram acarretamentos duplos, além de aspectos polissêmicos, semióticos e contextuais, destacando como essa abordagem gramatical, aliada aos fatores discursivos, pode contribuir para o processo de leitura e de produção textual dos alunos, em conformidade com os eixos da BNCC.

PALAVRAS-CHAVE: Acarretamento; Gêneros Discursivos; Linguística; Semântica.

ABSTRACT: This paper addresses semantic relations, specifically entailments, found in everyday discursive genres such as billboards and signs. The research aims to integrate these genres into teaching, as recommended by the Brazilian National Common Curriculum (BNCC), proposing a more grammatical and contextualized linguistic analysis in the classroom. During the investigation, a limitation in the availability of online examples was observed, highlighting the importance of discussing this topic in academic and educational settings. The goal is to share with students and teachers two examples of contextualized linguistic analysis, fostering a broader reflection on language. The research is primarily based on the works of Cançado (2008), Pires de Oliveira (2001, 2012), Bakhtin (1997), and the BNCC (Brazil, 2018). The results identified double entailments, as well as polysemic, semiotic, and contextual aspects, showing how this grammatical approach, combined with discursive factors, can contribute to students' reading and text production processes, in alignment with the guidelines of the BNCC.

KEYWORDS: Entailment; Discursive Genres; Linguistics; Semantics.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco – UTFPR-PB. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1578-6868>. E-mail: alana_thaiz@hotmail.com.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco – UTFPR-PB. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3101-1495>. E-mail: nicollymohr@alunos.utfpr.edu.br.

*** Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina, atualmente é professora adjunta na Graduação e Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco (UTFPR-PB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1626-5930>. E-mail: leticiaagritti@utfpr.edu.br.

1 Introdução

Desde que houve a mudança dos documentos normativos sobre o currículo da Educação Básica na rede brasileira de ensino, isso é, com a elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018), o foco em se trabalhar em sala de aula com os gêneros discursivos necessitou a busca, por parte da comunidade escolar, em compreender melhor as estruturas e as características de cada gênero com mais discernimento. Antes com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997), já havia a ideia de se trabalhar em sala de aula com os gêneros textuais, mas a noção de se trabalhar com texto aparecia de uma forma mais genérica.

Ao ser instaurada a BNCC (2018) como documento norteador oficial, possibilitou-se ampliar ainda mais, aos professores e aos alunos, um leque de estudos - de maneira contextualizada - ao trabalhar-se com os gêneros discursivos também do cotidiano. Assim, esse documento traz claramente que o ensino-aprendizagem de línguas está centrado no texto e que precisa se dar por meio de quatro eixos: leitura; produção de textos; análise linguística e semiótica; e oralidade. Como não é objetivo deste artigo deter-se ao aprofundamento desses eixos, mas refletir sobre a semântica no ensino, o detalhamento será sobre o eixo de análise linguística, no qual encontra-se essa área de estudos.

A prática de análise linguística, como então era denominada nos PCNs (1997), agora torna-se um eixo que deve perpassar todo o ensino-aprendizagem de línguas. A ideia é que nesse eixo não se trabalhe apenas gramática, mas uma reflexão sobre o sistema linguístico. Essa proposta, como reflete Mendonça, “Consiste numa reflexão explícita e sistemática sobre a constituição e o funcionamento da linguagem nas dimensões sistêmica (ou gramatical), textual, discursiva e também normativa” (Mendonça, 2006, p. 208). E isso tudo é trabalhado por meio do texto, conforme pode ser visto no trecho retirado da BNCC: “os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos, das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido” (Brasil, 2018, p. 78), com o objetivo de colaborar com as habilidades de leitura e de escuta desses processos.

Dentro desse eixo é que também se encaixa a semântica, o estudo do significado dos itens, sentenças e expressões. Contudo, raramente ela é mencionada e, quando é, trata-se somente dos estudos de sinonímia/antonímia, polissemia ou homonímia, aumentativo/diminutivo, figuras de linguagem; modalizações epistêmicas, deônticas, apreciativas; modos e aspectos verbais (Brasil, 2018). Em outros momentos, há situações em

que a BNCC (2018) refere-se, implicitamente, à semântica quando fala sobre “efeitos de sentido” e por isso, por vezes

[...] traz as habilidades relacionadas à escolha dos recursos persuasivos para construção dos textos, os efeitos de sentido que refletem na persuasão dos textos, assim como desenvolver a capacidade dos estudantes de inferir e justificar, em textos multissemióticos, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras por exemplo, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos e de pontuação [...] (Godois, Sagaz, 2023, p. 21)

Logicamente, não se pode desconsiderar que esses exemplos mencionados acima são muito importantes principalmente para a escrita, ou seja, para a produção textual; no entanto, no que tange à reflexão sobre a língua, que é o princípio básico do eixo de análise linguística, poucos são os objetos de conhecimento e as habilidades relacionadas à semântica e que são citadas na BNCC (2018). O estudo da semântica é bem mais amplo que o supracitado. Há fenômenos nas línguas que podem ser estudados no ensino básico, pois, além de levarem à reflexão sobre a língua, podem ser instrumentos que auxiliam o estudante a uma interpretação de texto mais eficiente. Um deles é o acarretamento, um fenômeno que ocorre no processo de atribuição de significados produzido pelo falante.

O acarretamento é uma relação semântica que ocorre entre determinadas sentenças das línguas naturais. A literatura na área da semântica afirma que quando o falante sabe o significado de uma sentença, ele sabe o de outras automaticamente. Por exemplo, se o falante sabe que “João jantou tarde” é verdadeira, necessariamente, ele sabe que “João jantou” também é verdadeira. Ou ainda, sabe que “João se alimentou” é verdadeira, isso é, sabendo o significado de uma sentença, ele sabe o de duas outras, pois elas apresentam relação semântica entre si. Essa relação desses exemplos é a de acarretamento, em que se uma sentença é verdadeira, a outra é necessariamente verdadeira também.

Esse fenômeno que ocorre nas línguas naturais é estudado nas aulas de semântica dos cursos superiores e nos de Pós-Graduação da área de Letras, no entanto, nem é citado pela BNCC (2018). Além disso, a literatura da área, tal como os estudos de Cançado (2008), Pires de Oliveira (2001, 2012), Muller & Viotti (2004), entre outros, traz esse conteúdo com diversos exemplos de língua em uso e faz a verdadeira prática de análise linguística, pois leva o estudante a refletir e a pensar aprofundadamente sobre a língua e seus contextos linguísticos.

Além disso, observamos o desafio em encontrar textos contendo acarretamentos linguísticos em situações de contexto diário, pois essa aplicação é dificilmente demonstrada pela literatura da área e também não é facilmente encontrada na *internet*. Devido a essa certa escassez de estudos é que surgiu o interesse em desenvolver uma pesquisa sobre estudos semânticos de acarretamentos atrelados aos gêneros discursivos do cotidiano nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental - Anos Finais.

Por essa razão, leva-se em conta neste estudo os desafios do trabalho no ambiente escolar com a identificação e a análise de acarretamentos em gêneros discursivos do cotidiano. Ele pretende mostrar a consonância das análises de acarretamentos, aliados aos textos, conforme indicado pela BNCC (2018), como forma de possibilitar a compreensão dos mecanismos linguísticos da Língua Portuguesa para refletir a habilidade de interpretação de diferentes sentenças dispostas em gêneros discursivos específicos, tais como no *outdoor* e na placa.

Dessa forma, abordam-se os pressupostos de Roberta Pires de Oliveira (2001, 2012), no que se refere ao conceito de semântica e ao seu objeto de estudo, Cançado (2008) e Pires de Oliveira (2001, 2012) no que diz respeito aos estudos de acarretamentos e outros nexos semânticos, Muller e Viotti (2004) e Bakhtin (1997) no que se trata dos gêneros discursivos, da BNCC (2018) com a adequação dos gêneros discursivos nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental - Anos Finais, entre outros aportes teóricos.

Este trabalho está organizado em seis seções principais: 1) a introdução apresenta a problemática e a relevância do estudo de acarretamentos semânticos em gêneros discursivos cotidianos; 2) a fundamentação teórica discute os conceitos-chave sobre acarretamentos semânticos e gêneros discursivos; 3) a metodologia descreve a abordagem utilizada para analisar acarretamentos semânticos em gêneros discursivos, destacando a busca e a análise de alguns materiais disponíveis na *internet*; 4) a análise de dados apresenta uma discussão e uma reflexão dos resultados da investigação sobre acarretamentos semânticos encontrados em publicações na *internet*, discutindo suas implicações educacionais; 5) as considerações finais enfatizam a importância de integrar análises linguísticas, principalmente semânticas, no ensino, conforme orientações da BNCC (2018), e sugerem a continuidade desse tipo de estudo no ambiente escolar e acadêmico; 6) as referências listam as fontes teóricas e bibliográficas utilizadas ao longo do trabalho.

2 A semântica e os acarretamentos

Segundo Roberta Pires de Oliveira *et al* (2012), a área de conhecimento da semântica estuda a capacidade dos falantes de interpretar sentenças, não apenas seu significado isolado. Esse conhecimento inclui a habilidade de combinar partes das sentenças de forma recursiva e deduzir novos significados. O objetivo é entender o que os falantes sabem quando entendem o significado de uma sentença, mesmo que esse conhecimento seja inato e não possa ser facilmente descrito ou explicado. A tarefa da semântica, de acordo com os autores, é descrever e explicar esse conhecimento semântico que os falantes possuem, mas que é difícil de se articular explicitamente.

Uma noção estritamente semântica, o acarretamento, de acordo com Cançado (2008), está relacionado apenas ao que está contido na sentença, independentemente de como ela é usada. Ela afirma que acarretamento é a relação entre as sentenças em que o sentido de uma está contido em outra, ou seja, duas sentenças estabelecem relação de acarretamento quando “(...) a sentença (a) acarreta a sentença (b) se a sentença (a) for verdadeira, a sentença (b) também será verdadeira; se a informação da sentença (b) estiver contida na informação da sentença (a); se a sentença (a) e a negação da sentença (b) forem sentenças contraditórias” (Cançado, 2008, p. 28). Vejamos um exemplo: (a) João é mais alto que Maria; (b) Maria é mais baixa que João. Nesse caso, a informação da sentença (b) está presente na informação de (a) e a informação da sentença (a) também está contida em (b), tendo ambas as sentenças sentidos equivalentes. Além disso, a sentença (a) concomitantemente com a negação da sentença (b) são contraditórias:

(a) João é mais alto que Maria;

(b) Maria não é mais baixa que João.

Portanto, seguindo a definição de acarretamento de Cançado (2008), pode-se concluir que, ocorre um acarretamento mútuo, ou ainda duplo acarretamento ou acarretamento de mão dupla (como aparecem também na literatura da área), pois a sentença (a) acarreta (b) e a sentença (b) também acarreta (a). Essa relação também é chamada pela literatura de sinonímia (Muller & Viotti, 2004).

Nessa corrente teórica de Cançado (2008), ambas as sentenças veiculam o mesmo conteúdo semântico, as mesmas informações (Pires de Oliveira, 2001). Mas, essa abordagem dos sinônimos não é trazida às discussões das salas de aula quando se trata do tema, uma vez que o estudo limita-se ao enfoque das palavras sinônimas (com mesmo significado), haja vista que esse objeto de conhecimento está sempre fazendo par com os antônimos (palavras de significado contrário), inclusive na BNCC (Brasil, 2018).

Entretanto, o acarretamento não ocorre sempre da mesma forma, pois trata-se de uma relação assimétrica (em que sentenças contém sentenças, uma primeira está na segunda, mas a segunda não está na primeira), da mesma forma como a hiponímia¹, (Cançado, 2008). De acordo com a autora, ao analisar os acarretamentos de uma sentença, removemos todas as informações adicionais provenientes de nossas experiências e de conhecimento de mundo, deixando apenas o sentido literal veiculado pelos termos da sentença. Esse processo é desafiador porque estamos acostumados a interpretar sentenças levando em conta todo o contexto extralinguístico, como quem está falando e quem está ouvindo.

Examinar as implicações de uma sentença é como filtrar tudo o que está além da própria sentença para focar apenas nela mesma (Cançado, 2008). É importante observar que, muitas vezes, nossa intuição pode não captar o significado semântico de uma sentença, por isso é essencial aplicar as definições metodicamente em exercícios didáticos.

3 Gêneros do discurso

Ao cenário relacionado ao tratamento das práticas leitoras abrange dimensões interligadas às práticas de uso e de reflexão, incluindo:

Analisar a circulação dos gêneros do discurso nos diferentes campos de atividade, seus usos e funções relacionados com as atividades típicas do campo, seus diferentes agentes, os interesses em jogo e as práticas de linguagem em circulação e as relações de determinação desses elementos sobre a construção composicional, as marcas linguísticas ligadas ao estilo e o conteúdo temático dos gêneros. (Brasil, 2018, p. 68).

Dessa forma, Bakhtin (1997) os gêneros discursivos é fundamental para entender a comunicação humana, pois eles mediam a relação entre o falante e o ouvinte, organizando e estruturando a comunicação verbal. Eles são, por sua vez, “tipos relativamente estáveis do discurso” (Bakhtin, 1997, p. 280). Além disso, o autor afirma que “o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) - as palavras e orações” (Bakhtin, 1997, p. 269).

Por essa razão, é imprescindível que os estudos linguísticos mais voltados à forma, incluindo o acarretamento, sejam incorporados ao currículo de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental - Anos Finais. A compreensão e a análise das relações de acarretamento ajudam

¹Relação entre termos, em que um termo é mais restrito que o outro, ou seja, ser a parte de um todo, por exemplo, “Florianópolis” é a parte do todo representada pela palavra “cidade”.

os alunos a entenderem como diferentes sentenças podem se relacionar semanticamente, dessa forma, eles constroem e desconstróem significados de forma crítica e consciente, pois passam a ter mais domínio dos meandros do significado.

3.1 O gênero *outdoor*

A exposição ao significado seja de uma palavra, de uma expressão ou de um texto é constante na vida das pessoas e, portanto, quanto mais refletirem sobre a significação, mais hábeis estarão quando se depararem com gêneros muito comuns ao seus cotidianos. O *outdoor* é um deles, que está frequentemente presente em espaços públicos abertos. Para Costa (2014), o *outdoor* é conceituado como:

(v, anúncio, banner, cartaz, classificado, comercial, painel, propaganda, reclame, reclamo, transporte): anúncio (V.) divulgado em suportes de cartaz (V.), ou painel (V.) multissemiótico ou painel luminoso, geralmente de dimensão ampla, exposto à margem de vias urbanas e rodovias, para divulgar produtos, eventos os mais diversos, mensagens (V. mensagem), propagandas políticas, religiosas, etc. Geralmente apresenta coerções genéricas do tipo: (i) apelo visual forte; (ii) textualização apresentada em grandes dimensões espaciais; (iii) recorrência de implicações; (iv) parcimônia verbal (poucas palavras). Este tipo de anúncio pode variar de suporte, como os ônibus (*busdoor* ou *outbus* - v.) ou os táxis (*taxidoor* - v.) ou ainda as bicicletas (*bikedoor* - v.) e apresenta outras coerções genéricas que podem levá-los a ser considerados como novos gêneros em “constelação” com *outdoor*”. (Costa, 2014, p. 184 e 185).

Como pôde ser visto, o gênero *outdoor* tem algumas distintas finalidades sociocomunicativas dentre as quais se destacam a de funcionar como divulgação de produtos, serviços e afins ou a de reclamação.

3.2 O gênero placa

Assim como os *outdoors*, as placas também são utilizadas como veículos de mensagem em espaços públicos, atendendo diversas finalidades comunicativas e têm como objetivo fornecer informações, orientações e servir para fins de publicidade. Conforme Costa (2014), a placa

é um suporte, com formato de tabuleta, geralmente de bronze, mármore, granito, metal, ou outro material, que pode trazer uma inscrição (v.) comemorativa, uma propaganda (v.), uma homenagem (placa de rua), etc. Pode ser também uma chapa que, emitida pela administração pública, representa sinal oficial de concessão de certas licenças e autorizações, como, por exemplo, a placa de carro ou de moto de metal que, colocada na dianteira

ou na traseira de um veículo automotor, registra o número de licenciamento desse veículo. Por extensão de sentido, placa passa a constituir um gênero escrito quando se refere aos textos comemorativos, de propaganda (v.) ou de qualquer dessas licenças ou autorizações, geralmente curtos e objetivos, codificados alfanumericamente, como as placas de veículos, em muitas partes do mundo. (Costa, 2014, p. 191)

Ao focar em gêneros comuns, como placas, busca-se revelar como esse gênero pode veicular elementos discursivos e visuais que estão intrinsecamente ligados às práticas sociais e influenciam as interações cotidianas.

4 Metodologia

Para a seleção dos gêneros analisados, foi realizada uma pesquisa via *internet* com palavras-chave, para identificar possíveis textos da circulação cotidiana que pudesse ser encontrado o emprego de acarretamentos semânticos. Sendo assim, primeiramente, as palavras-chave foram: acarretamentos em textos do cotidiano; acarretamentos em gêneros textuais.

Entretanto, com essa busca não obteve sucesso. Por isso optamos por buscas com palavras-chave mais abrangentes, dessa forma, buscamos por anúncios publicitários. A partir disso a pesquisa se substanciou em olhar *site a site*, até que encontramos os exemplos disponíveis em um *outdoor* e uma placa.

5 Discussão e resultados

É importante ressaltar, antes de adentrar no objeto de análise, que esta pesquisa concentrou-se em materiais disponíveis na *internet*, pois tal acesso é mais flexível do que nos livros didáticos, e também porque os livros didáticos não trazem gêneros discursivos que contenham acarretamentos, haja vista que, como foi descrito anteriormente, nem a BNCC (Brasil, 2018) contempla esse objeto de conhecimento. Entretanto, ainda assim, houve grandes esforços para se conseguir reunir os materiais necessários, uma vez que é difícil encontrar acarretamentos em sentenças produzidas para fins de circulação do dia a dia, ou seja, sem serem construídas, mesmo que com base no que se fala, especificamente para a análise linguística de nexos semânticos.

Mas, é, justamente por conta desse desafio, que a proposta de mergulhar no universo de gêneros discursivos torna-se relevante, pois, assim, é possível mostrar que há dinamismo em utilizar recursos já disponíveis pelos falantes e estudados pelos pesquisadores da área e,

desse modo, tentar aproximar ainda mais a instituição escolar ao conhecimento científico, bem como às esferas cotidianas dos gêneros discursivos de forma contextualizada.

De acordo com a BNCC (2018), é imprescindível promover ao aluno práticas que envolvam o desenvolvimento e o aprimoramento das linguagens. Sendo assim, o ensino de Língua Portuguesa ocupa um importante espaço dentro do ambiente escolar, pois é por meio dessa área do conhecimento que é possível, entre tantas habilidades, desenvolver a análise linguística reflexiva por meio de diversos gêneros discursivos.

Nessa perspectiva é que se encontra a análise das sentenças coletadas, com exemplos de como explorar os mais diversos conteúdos nos gêneros discursivos, mas, neste caso, com foco na identificação de acarretamento. A imagem abaixo, extraída de um *site* de busca de “anúncios e propagandas”, revela alguns pontos pertinentes sobre o contexto de produção do gênero analisado, assim como sobre a sua estrutura textual e linguística.

Figura 1 - *Outdoor*



Fonte: Blogcitario (2016)

Inicialmente, considera-se a estrutura e as características do gênero para compreender a sua função no meio social. Nele, percebe-se uma função sociocomunicativa de “reclame”, distinguindo-se de um anúncio comercial, uma vez que não promove a venda de produtos ou serviços. Isso é percebido visualmente, pois sem a imagem, torna-se mais difícil a compreensão da mensagem que ele quer veicular (análise semiótica). Observa-se também uma textualização apresentada em grandes dimensões, haja vista o tamanho das palavras e a quantidade delas, o que representa a parcimônia verbal, característica do gênero elencada por Costa (2014).

Já no que diz respeito ao contexto das informações contidas no *outdoor*, é possível identificar uma tentativa de intervenção provavelmente do departamento de saúde e de infraestrutura da Prefeitura Municipal de Barueri – SP, como estratégia para conscientizar os cidadãos de onde realizar o descarte correto de entulhos na cidade. Até aqui foi possível identificar quem supostamente está responsável pela autoria e quem é o público desse texto veiculado por meio do gênero *outdoor*. Destaca-se, contudo, que esse tema pode ser considerado de nível universal, pois trata-se de saúde pública, por isso é extremamente relevante refletir criticamente sobre ele no ambiente escolar, assim como propõem as dez competências estipuladas pela BNCC (2018),

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (Brasil, 2018, p. 09).

Por se tratar de um texto do cotidiano, o conteúdo temático está condizente com esse gênero, uma vez que pretende atingir bastante pessoas. Na sequência, em uma análise mais linguística, é percebido que há o recurso de texto verbal e não-verbal, juntos esses recursos contribuem para enfatizar o alerta proposto pela instituição sobre a ocorrência de lixos que são jogados nas ruas (ideia de textos multimodais requerida pela BNCC). A linguagem é simples e objetiva, entretanto foi utilizada uma palavra polissêmica² que trouxe um suspense ou até um leve toque de humor devido à ambiguidade de **privada**, que contém, no mínimo, dois significados possíveis e que estão associados à **rua**.

A respeito disso, Cançado (2008) afirma que a ambiguidade é um desafio para uma interpretação exata, pois

Todo falante sabe que dar o significado das palavras não é uma tarefa fácil. Às vezes, pensamos que sabemos o significado de determinada palavra, mas, quando tentamos estabelecê-lo exatamente, ele nos foge. Isso se deve ao fato de o significado, na maioria das vezes, estabelecer-se a partir de um determinado contexto. (Cançado, 2008, p. 57)

²É consenso na literatura da Linguística e também pelas gramáticas tradicionais que a polissemia é um tipo de ambiguidade lexical e que um termo é polissêmico quando ele apresenta dois ou mais significados. Tyler e Evans (2003), Taylor (2003), Fauconnier e Turner (2003), entre outros afirmam que, na polissemia, esses significados distintos possuem relação entre si em algum nível.

Em vista disso, a autora faz algumas aproximações e distinções entre a “ambiguidade” e a “vagueza” para delimitar a interpretação semântica de uma palavra. Mas como o foco deste trabalho não é se deter a esse assunto, ateremo-nos apenas a uma definição de “ambíguo”. De acordo com o dicionário *Mini Aurélio* (2010) um dos significados é “[Lat. *ambiguu.*] adj.1. Que se pode tomar em mais de um sentido [...]” (Ferreira, 2010, p. 40). Levando isso em conta, um dos significados da palavra **privada** se relaciona como oposto da palavra **pública**, assim entende-se que em tese se a rua fosse propriedade particular, o sujeito “dono” dela poderia fazer o que bem entendesse, inclusive descartar lixo.

Em contrapartida, como a **rua** é um espaço de direito coletivo, ou seja, **pública**, é necessário ser cuidada por todos os indivíduos que por ela transitam. O outro significado de **privada** pode ser compreendido como uma privada sanitária, local destinado para dispensar dejetos humanos, sendo, portanto, uma alusão de que ao depositar lixo na rua, ela é o mesmo que uma “privada sanitária” a céu aberto. Mas, esse significado de **privada** como objeto sanitário é mais fácil de ser acessado devido à imagem. Sem ela, é possível que muitos interlocutores nem venham a acessá-lo, pois a relação “público x privado” é mais evidente. Essa é mais uma prova de que o contexto linguístico ou extralinguístico determina, muitas vezes, qual dos significados disponíveis para o termo o falante irá acessar.

A análise acima está de acordo com a BNCC (2018) quando prevê que o aluno perceba os efeitos de sentido e os resultados na persuasão dos textos, desenvolvendo a capacidade dos estudantes de entender textos multissemióticos. Além disso, pode ser estabelecida também uma provável relação irônica, se pensarmos na palavra **privada** como um símbolo gráfico. Na perspectiva semiótica, segundo Peirce (2005):

O corpo de um símbolo transforma-se lentamente, mas seu significado cresce inevitavelmente, incorpora novos elementos e livra-se de elementos velhos. [...] Todo símbolo é, em sua origem, ou uma imagem da ideia significada, ou uma reminiscência de alguma ocorrência individual, pessoa ou coisa, ligada a seu significado, ou é uma metáfora. (Peirce, 2005, p. 40).

O interessante para esta segunda interpretação é que ela pode ser reforçada também por conta dos elementos pictóricos contidos no *outdoor* a exemplo da própria imagem de uma privada sanitária localizada à direita no texto. Perceba que embora o objetivo deste estudo seja o de relacionar as questões do gênero discursivo ao nexos semântico do acarretamento presente no texto do *outdoor*, é impossível mencionar somente elas. Para se chegar ao fenômeno em si, foi necessário fazer todo esse percurso envolvendo a ambiguidade lexical por polissemia e a questão do símbolo semiótico, que embora abordados superficialmente aqui, podem ser mais

aprofundados em outros estudos ou até mesmo em sala de aula, mas o foco aqui será a questão semântica do acarretamento. Para isso, as sentenças analisadas serão: **a rua é pública, não é privada.**

Nota-se que o texto está organizado em duas sentenças³ separadas por uma vírgula, a qual reforça e enfatiza a ideia de distinção entre as duas. A vírgula pode servir para, segundo Bechara (2019), indicar uma elipse, isso é, para não repetir os sintagmas **a rua** novamente na segunda sentença (e.g.: **a rua** é pública, **a rua** não é privada).

Na sequência, apresentamos, à luz de Cançado (2008), uma definição para acarretamento: “o acarretamento é uma noção estritamente semântica, que se relaciona somente com o que está contido na sentença, independentemente do uso da mesma.” (Cançado, 2008, p. 25). Assim, para tentarmos compreender as relações semânticas presentes no exemplo, usaremos as sentenças destacadas do *outdoor*:

(01) A rua é pública.

(02) Não é privada.

Ao analisarmos a sentença (01), observamos a presença da palavra **pública**, que, por definição, de acordo com o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (2019), significa “relativo, pertencente ou destinado ao povo, à coletividade” (Cunha, 2010, p. 531), em contrapartida, na sentença (02), temos a palavra **privada**, que tem sua origem em “privar” e, esta por sua vez, significa etimologicamente “despojar, destituir, tolher” (Cunha, 2010, p. 522). Além disso, **privada** também significa “[...] *latrina*” (Ferreira, 2010, p. 612) e “*latrina*” significa “[...] Dependência da casa com vaso ou fossa de dejeções [...]” (Ferreira, 2010, p. 459).

Ao utilizar o significado de coletivo, do povo, do estado, em (01) e negar⁴ que a rua é privada, do estado, percebemos que a verdade de (01) acarreta a verdade de (02) e que a informação da sentença (02) está contida na informação da sentença (01). Isso porque uma vez que (01) sendo uma via pública não poderia ao mesmo tempo ser uma via privada. Logo, há acarretamento de (01) para (02), ou de cima para baixo.

³Neste trabalho, vamos usar a nomenclatura mais comum na ciência da Linguística, o termo “sentença” e não “oração”, como comumente é empregada pela Gramática Tradicional. A sentença, para o Dicionário de Linguagem e Linguística, de Trask (2004), “é a maior unidade estritamente gramatical numa língua. É evidente que existem unidades linguísticas maiores do que a sentença: parágrafos, na escrita; turnos, na conversação, e discursos. Mas, na estruturação dessas unidades maiores, a gramática propriamente dita desempenha um papel menor. A maior unidade linguística cuja coesão resulta de regras gramaticais rígidas é o período gramatical ou, como se costuma dizer em linguística, a sentença” (Trask, 2004, p. 263).

⁴As palavras **pública** X **privada** poderiam ser melhor exploradas por apresentarem significados opostos (antônimas), porém não é o foco deste trabalho, também porque essa parte já é explorada pelos livros didáticos no ensino básico.

Se pensarmos no caminho inverso, <<(02) (a rua) não é privada>> é verdadeira, <<(01) a rua é pública>> é verdadeira, logo, há um acarretamento de baixo para cima também. Sendo assim, até o momento, estamos diante de um acarretamento de mão dupla, ou duplo acarretamento e, portanto, além de as duas sentenças apresentarem acarretamento, também apresentam a relação ou nexos semântico da sinonímia.

Além disso, de acordo com Cançado (2008), quando há acarretamento de (a) para (b) e de (b) para (a) tal efeito pode ser caracterizado como “acarretamento mútuo”. Nas palavras de Cançado, “é o acarretamento mútuo que garante a possibilidade de se fazer traduções de uma língua para outra, ou para se recontar histórias, etc.” (Cançado, 2008, p. 44). Resta saber se ambas serão aprovadas também no teste da contradição.

Em vista disso, para que se possa ter a confirmação de tal análise, Cançado (2008) apresenta uma técnica a qual é capaz de testar a sustentação da ideia de acarretamento. Segundo a autora, para que haja acarretamento, pelo menos uma das sentenças precisa manter seu significado preservado (a primeira), e outra sentença precisa ser modificada (a segunda), negando-a: “se a sentença (a) e a negação da sentença (b) forem sentenças contraditórias” (Cançado, 2008, p. 28), há acarretamento.

Se atentarmos para a análise proposta aqui neste artigo, a sentença (02) já está na negativa (**não** é privada), por isso é preciso mudá-la para a afirmativa e identificar se ela passa no teste. É importante lembrar que a palavra **rua** não repete na segunda sentença, mas, como já mostrado, podemos considerar que está presente pelo recurso da elipse, embutida mediante a vírgula:

(a) A rua é pública.

(b) A rua é privada.

É possível notar que ao retirar a palavra **não** do contexto linguístico, as sentenças passaram a se contradizer, pois não há a possibilidade de uma rua ser privada e pública em um mesmo contexto, por isso, podemos considerar que as sentenças passaram no teste. Gostaríamos de destacar que, na teoria a qual Cançado (2008) versa, não há exemplos de sentenças que já estivessem com a sua segunda sentença negada, mas também não afirma que não há a possibilidade de inverter a sentença, nesse sentido, consideramos viável tal adaptação como proposta de teste e, a princípio, não identificamos prejuízos à pesquisa.

Através da lente da semântica com acarretamento, a análise demonstra que as sentenças <<a rua é pública>> e <<a rua não é privada>> são semanticamente sinônimas, pois veiculam um acarretamento mútuo, sustentando a integridade da mensagem do *outdoor*. Essa compreensão não apenas ilumina a eficácia comunicativa do material, como também

destaca a relevância de explorar essas nuances semânticas e contextuais para um entendimento mais profundo das estratégias de comunicação visual e textual no espaço público. Assim, a reflexão sobre o gênero *outdoor*, alinhada com os princípios da BNCC (Brasil, 2018), reforça a importância de utilizar a análise crítica para promover a consciência socioambiental e o consumo responsável em diferentes contextos educacionais e sociais.

A segunda análise consiste em uma imagem também extraída de um *site* de busca, como pode-se observar na sequência:

Figura 2 - Placa



Fonte: Mercado livre.

No que diz respeito às características composicionais do gênero, possivelmente, há uma função sociocomunicativa de “advertência”, pois as marcas linguísticas imperativas <<não entre>> e <<somente>> podem sinalizar, respectivamente, a ideia de ordem ou limitação. Esse tipo de placa, portanto, poderia encaixar-se, segundo definição de Costa (2014), no contexto de licença ou de autorização.

Outro aspecto, na perspectiva semiótica, que sugere tal interpretação é o texto não-verbal no canto direito superior da imagem, o qual representa uma caricatura com a boca e mão abertas, esta última é destacada em tamanho maior, em relação ao corpo, com o preenchimento da cor preta e uma faixa vermelha atravessada na diagonal, simbolizando a noção convencionada socialmente para “atenção” ou “alerta”, nesse caso mais especificamente à restrição de acesso. Observa-se, contudo, que a imagem, nesse exemplo, não é essencial para a compreensão do significado da mensagem veiculada, ao contrário do que foi visto anteriormente no gênero *outdoor*.

Sobre placas dessa natureza, elas são comuns em diversos ambientes, sejam eles públicos ou privados e, geralmente, indicam conotação imperativa, por isso, pode-se dizer que são placas mais ou menos genéricas empregadas a ambientes que precisam ou gostariam (seus proprietários ou usuários) de serem limitados ou restringidos. Sendo assim, a autoria do texto também não restringe-se a uma pessoa específica, nem a uma classe ou instituição, tal como foi visto no gênero analisado anteriormente.

Além disso, tal tema também pode ser considerado universal, assim como o do texto anterior, pois ele pode perpassar por várias situações sociais, como escolas, hospitais, instituições culturais, tecnológicas, de saúde, esporte etc. Nesse sentido, o gênero placa pode alcançar um considerável número de indivíduos.

O teor dessa mensagem, como é de praxe das características desse gênero, não é o de se relacionar com a argumentação, a ética ou com os direitos humanos, mas o de, simplesmente, advertir para uma regra. O desenvolvimento da habilidade de leitura e de escrita de textos que envolvam citação de regras, instruções, etc., também está previsto pela BNCC em vários pontos de seu texto (Brasil, 2018, p. 143), o que justifica a importância da escolha desse gênero discursivo.

Dados os possíveis contextos de produção, recepção e identificação do gênero, nesse momento, segue a análise linguística da expressão <<**Aviso Não entre sem ser convidado somente pessoas autorizadas**>>, para fechar a prática de análise linguística de maneira completa. Observa-se que, aparentemente, há uma única sentença, pois não se identifica pontuações; no entanto, se observar mais aprofundadamente, há três sentenças com três significados. Isso é típico de placas, dada sua organização visual. Caso fosse um texto corrido, dentro de outro gênero, tal como uma carta, por exemplo, a falta de pontuação seria considerado um erro relacionado ao não cumprimento da norma padrão.

No entanto, as três sentenças aparecem demarcadas pelo tipo de letra grafada com formas distintas. A primeira sentença <<**aviso**>> possui fortes contornos brancos, fundo preto e tamanho consideravelmente grande, em letra caixa alta. A segunda sentença <<**não entre sem ser convidado**>> apresenta um tamanho menor em relação à primeira e a cor da letra em preto, entretanto ainda mantém-se em caixa alta. A terceira sentença <<**somente pessoas autorizadas**>> também usa a escrita em caixa alta, mas se diferencia com relação à fonte e ao tamanho da letra, que é ainda menor em relação aos dois exemplos anteriores.

Assim como no *outdoor*, pensando na parte linguística, aqui também ocorre uma elipse em <<**somente pessoas autorizadas**>>, em que se elide o predicado <<**podem**

entrar>>. O recurso da elipse é uma boa opção encontrada pelos autores desses gêneros, por serem gêneros do cotidiano com uma extensão pequena de texto sem comprometer o sentido.

Nessa perspectiva de análise linguística, para delimitar as condições de análise semântica de acarretamentos, mencionados anteriormente por Cançado (2008), serão consideradas, das três sentenças, apenas duas que são:

(03) Não entre sem ser convidado.

(04) Somente pessoas autorizadas.

Na sentença (03), destaca-se, primeiramente, a palavra <<**convidado**>> derivada do verbo “convidar” que, de acordo com *Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa* (2010), pode significar, dentre vários conceitos, “[Late.vulg. * *convitare*. 1A] *vtdi*. 1. Pedir o comparecimento de; convocar, chamar. 2. Solicitar, instar: Convidou-o a retirar-se. 3. Atrair levar. [...]” (Ferreira, 2010, p. 198). Já em (04), a palavra <<**autorizadas**>> vem de “autorizar” e indica, dentre as definições possíveis, “[Lat.med. *autorizare*. 1D] *vtd* 1. Conferir autoridade ou poder a. 2. Dar autorização para; permitir. *tdi*. 3. Dar autorização, permissão. p 4. Justificar-se, abonar-se.” (Ferreira, 2010, p. 81).

Percebemos que ambas as palavras perpassam a noção de “ordem”. Assim, a verdade de (03) acarreta a verdade de (04). A informação da sentença (04) está contida na informação da sentença (03), pois para entrar é preciso estar autorizado e, para estar autorizado, é preciso ser convidado. Uma vez que (03), sendo uma “exigência”, sugere que há algum tipo de consentimento implícito que também há em (04); há, logo, um acarretamento de (03) para (04), ou de cima para baixo.

Então, se consideramos o caminho inverso, (04) é verdadeira e (03) também, e uma está contida na outra, pois <<(04) **somente pessoas autorizadas**>> - e não qualquer pessoa, pois necessita de um convite prévio - e <<(03) **não entre sem ser convidado**>> - porque também precisa de uma permissão ou autorização (pois a pessoa não tem direito de entrar, apenas mediante a um convite). Logo, há um acarretamento de baixo para cima também. Sendo assim, até o momento, estamos diante de um acarretamento de mão dupla, ou duplo acarretamento e, portanto, além de as duas sentenças apresentarem acarretamento, também apresentam a relação ou nexos semântico da sinonímia.

Resta saber se ambas serão aprovadas também no teste da contradição, assim como no primeiro exemplo <<**a rua é pública, não é privada**>>. Vale ressaltar que não há pontuação aparente para separar as sentenças, mas, como já foi indicado anteriormente, podemos considerar que as fontes dos textos demarcam as sentenças:

(a) Não entre sem ser convidado.

(b) Somente pessoas **não** autorizadas.

É possível observar que ao acrescentar a palavra <<**não**>> ao contexto linguístico, as sentenças passaram a se contradizer, pois não há a possibilidade de uma pessoa não autorizada entrar em um ambiente se há uma restrição determinada em um mesmo contexto, por isso, podemos considerar que as sentenças passaram no teste. Portanto, a análise demonstra que as sentenças <<**não entre sem ser convidado**>> e <<**somente pessoas autorizadas**>> possuem o nexo semântico do acarretamento e, mais do que isso, refletem um acarretamento mútuo, de mão dupla ou a sinonímia.

Ao descobrir que ambas as sentenças apresentam acarretamento de mão dupla, ou seja, são sentenças sinônimas, o estudante pode se perguntar: mas qual a função de o autor dessa placa utilizar duas sentenças sinônimas em um mesmo gênero? Para responder a essa questão, o estudante poderá criar hipóteses. Para aqueles interlocutores que já conhecem os significados das sentenças, uma das hipóteses pode ser o de enfatizar o significado de (03) <<**não entre sem ser convidado**>> em (04).

Uma segunda hipótese seria a de que se o leitor não entendesse a sentença em (03), o autor fez mais uma tentativa na expectativa de suprir a falta de entendimento em (03), e entenda (04). Além disso, situou o interlocutor com a sentença “aviso”, que já prepara seu interlocutor.

Não contente, caso o interlocutor não tenha entendido nenhuma das sentenças, ele pode ter a chance de entender a imagem da mão estendida como forma de aviso. Essa mesma análise linguística, que engloba fatores discursivos, também pode ser feita para o texto veiculado no gênero *outdoor*, pois, igualmente, trabalha a questão da sinonímia.

Ao refletir sobre isso, começando pelo aspecto mais básico do gênero placa, que envolve a mudança de fontes e tamanhos das letras para indicar as distintas sentenças, percebe-se que o visual complementa o sentido das sentenças. Isso leva a uma reflexão mais aprofundada sobre o significado das sentenças, por meio dos acarretamentos, mostrando que o estudante já refletiu bastante sobre sua língua.

Pensar que <<**Não entre sem ser convidado**>> e <<**somente pessoas autorizadas**>> veiculam o mesmo conteúdo, as mesmas informações escritas de maneiras distintas, por meio da materialidade do texto, concretizada no gênero discursivo, certamente, faz o estudante avaliar conscientemente sobre estratégias (meta)cognitivas (mesmo sem saber o que isso signifique) de se escrever (produção de texto). Isso vai influenciar o processo de leitura desse aluno, que vai estar mais habilitado para interpretar o que lê, pois foi treinado para tal, seguindo também um objetivo da BNCC (2018).

6 Considerações finais

Ao refletir sobre a prática de análise linguística proposta, entendemos que a exploração das noções semânticas de acarretamento nas aulas de Língua Portuguesa é fundamental para o aprimoramento das habilidades linguísticas dos alunos.

A união das questões discursivas referentes aos gêneros *outdoor* e placa, tais como junção do texto verbal e não verbal e seus significados. Além do tamanho e do tipo da letra, o autor, o leitor e o objetivo de cada mensagem veiculada no gênero às questões mais linguísticas, assim como gramaticais e sistêmicas. Tais como o significado de cada palavra e a relação semântica entre as sentenças que possuem tal palavra, o estudante faz uma análise completa de toda a situação de comunicação.

O estudante reflete nesta proposta didática a partir do contexto micro, que é pensar sobre o significado de cada palavra (**pública, privada, convidado e autorizado**), para pensar na situação macro, como um todo, que é o efeito de sentido mais geral pretendido com o gênero (o de não **jogar lixo** na rua e o de **não entrar sem ser convidado**). Despertando, assim, para além das questões linguísticas, a consciência socioambiental e o respeito ao outro no cumprimento de regras.

O estudante já tendo se deparado com esses gêneros do cotidiano certamente estará mais bem preparado para as situações reais de comunicação que eles refratam, pois “raciocinando, podemos atingir um conhecimento muito além daquele propiciado pelo que vemos com nossos próprios olhos. O raciocínio nos liberta de ter que ver para saber!” (Muller *et al*, 2020, p. 30), por isso a importância em expandir o repertório linguístico do aluno.

Tanto os *outdoors* quanto as placas são importantes para a comunicação, já que desempenham funções específicas que vão desde uma publicidade, uma propaganda, uma inscrição, uma homenagem até a uma regulamentação. Portanto, compreender suas características e usos permite uma leitura mais crítica e consciente dos textos, reforçando como a reflexão sobre a linguagem pode ampliar a capacidade interpretativa e comunicativa dos indivíduos.

Para além do gênero específico, o estudante também poderá comparar e analisar os diferentes gêneros e os significados das mensagens veiculadas neles, que é uma das habilidades requeridas pela BNCC (2018). Dessa forma, embora haja desafios na identificação de gêneros discursivos apropriados para o estudo de acarretamentos -, pois eles

são difíceis de serem reconhecidos e, como dito anteriormente, quase inexistentes em materiais didáticos do ensino básico -, é viável desenvolver uma análise crítica das influências desses gêneros nas esferas sociais, ao integrar práticas reflexivas com estudos técnicos linguísticos.

Referências

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Disponível em: file:///C:/Users/Desktop/Downloads/BAKHTIN_Mikhail_Estetica_da_Criacao_Verb.pdf. Acesso em: 5 jul. 2024.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. Rev. e ampl. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BLOGCITARIO. **Outdoor**. Imagem. 2016. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/8N3KkRthTjHaGSKaA>. Acesso em: 04 mai. 2024.
- BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais** para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Base nacional comum curricular. Brasília, 2018.
- CANÇADO, M. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2 ed. Rev. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 183 p.
- COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. Rev. ampl.; 1 reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica. 2014.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon. 2010.
- FAUCONNIER, G., TURNER, M. Polysemy and conceptual blending. In: NERLICH, B. et al. (org). **Pxible patterns of meaning in Mind and Language**. New York: Mouton de Gruyter, olysemy fle2003. p. 79-94. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110895698.79>
- FERREIRA. A. B. H. **Mini aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa**. 8.ed. Curitiba. 2010.
- GODOIS, C.; SAGAZ, D. **Uma análise do tratamento da semântica no livro didático “tecendo linguagens” e as propostas da BNCC para essa área**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras Português-Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2023. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/34119> . Acesso em: 3 abr. 2024.
- MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In.: BUZEN, C.; MENDONÇA M. (orgs). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 199-226.
- MERCADO LIVRE. **Placa**. Imagem. 2016. Disponível em: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-2627748826-placa-aviso-no-entre-sem-ser-convidado-30x20cm-_JM. Acesso em: 3 set. 2024.
- MÜLLER, A.; L.; P; VIOTTI, E.; C. Semântica formal. In: FIORIN, J. L. **Introdução à linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2004.
- MULLER et al. **Semântica na escola**. USP. Editora Curt Nimuendajú: Campinas. 2020. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1Ml570TxGPwmuDT1rqf79YkNlmbJ3e9c7/view?usp=sharing>. Acesso em: 3 abr. 2024.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo. Perspectiva. 2005. Disponível em: file:///C:/Users/Desktop/Downloads/Peirce_Charles_Sanders_Semiotica%20(1).pdf. Acesso em: 3 jul. de 2024.

PIRES DE OLIVEIRA, R. **Semântica formal: uma introdução**. Campinas: Mercado de Letras. 2001.

PIRES DE OLIVEIRA, R. [et al.] **Semântica: 6º período**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012. 182 p.

TAYLOR, J. Cognitive models of polysemy. In: NERLICH, B. et al. (Org). **Polysemy flexible patterns of meaning in Mind and Language**. New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 31-48. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110895698.31>

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TYLER, A.; EVANS, V. **The Semantics of english prepositions: spatial scenes, embodied meaning and cognition**. Cambridge: University Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486517>

Artigo recebido em: 16/09/24 | Artigo aprovado em: 14/07/25 | Artigo publicado em: 19/07/25